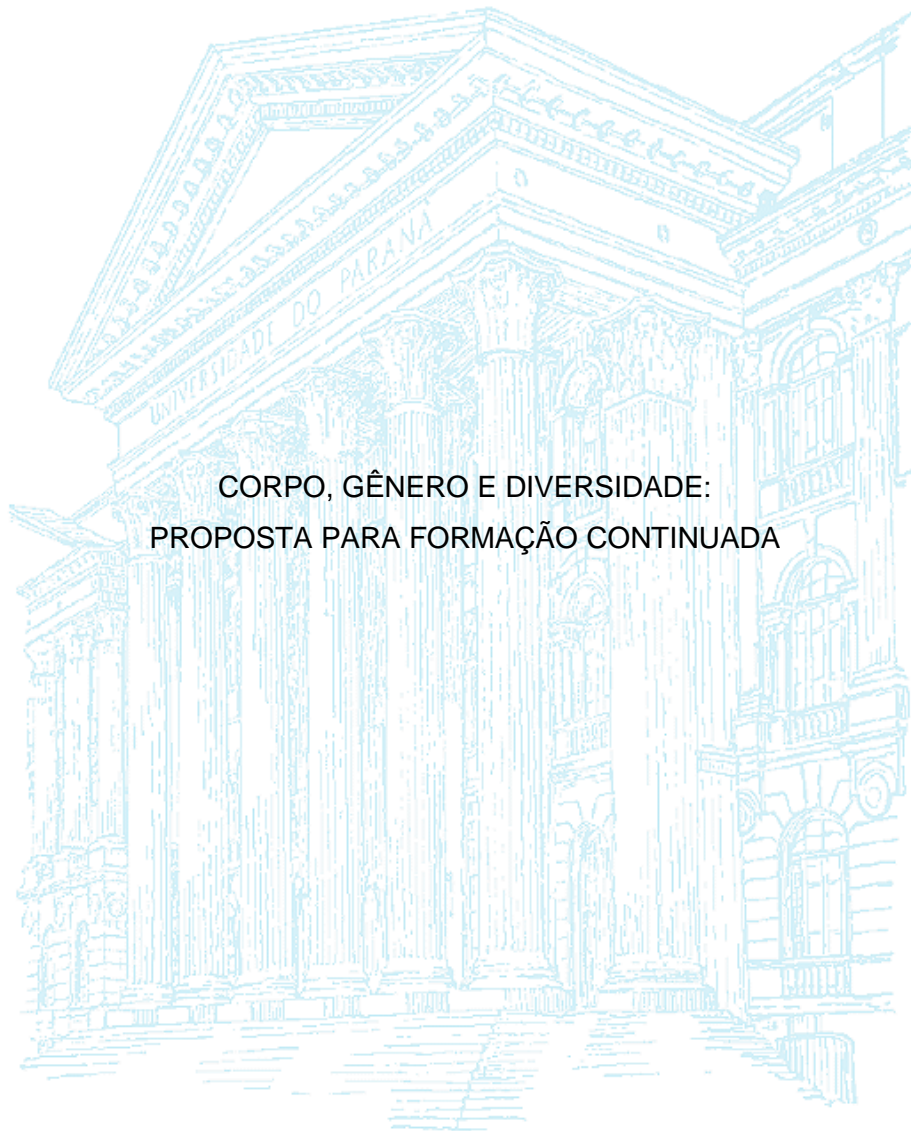


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ARÃO COIMBRA DA COSTA



CORPO, GÊNERO E DIVERSIDADE:
PROPOSTA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA

CURITIBA

2016

ARÃO COIMBRA DA COSTA

CORPO, GÊNERO E DIVERSIDADE:
PROPOSTA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Karla Ingrid Pinto Cuellar

CURITIBA
2016

CORPO, GÊNERO E DIVERSIDADE: PROPOSTA PARA FORMAÇÃO CONTINUADA

Arão Coimbra da Costa¹ ; Karla Ingrid Pinto Cuellar²

¹Licenciatura Plena em Filosofia, especialista em Ciência Política. Docente das disciplinas de História e Filosofia. SEED/PR – Curitiba/PR; E-mail: arao.coimbra@hotmail.com

²Bacharel em Direito, Especialista em Direito Processual Civil, Especialista em Direito Público, Mestre em Direitos Fundamentais. Doutora em Direito Público, Docente da UFPR – Setor Litoral. E-mail: karlacuellaradv@hotmail.com

Resumo: O presente artigo buscou compreender os fatores que se constituem entrave para a efetivação de uma proposta curricular e de ensino-aprendizagem, que problematize as questões de gênero, da diversidade sexual e da homofobia no cotidiano escolar. O método pelo qual optei foi o da pesquisa tipo qualitativa. O resultado obtido foi ter possibilitado através do diálogo, a constituição de novos paradigmas e categorias de análises, além de pela primeira vez na história daquela instituição, efetivar uma formação continuada para professores pautada na problematização das questões de gênero e da diversidade sexual. Ao término das atividades concluí que, os docentes, ao contrário do imaginário que circundava, estavam predispostos para o estudo. Pude compreender que o principal obstáculo era mesmo o da ausência de formação e que os demais, desse decorriam. Que a superação de práticas preconceituosas e homofóbicas passam pela construção de fóruns permanentes os quais possibilitam compartilhar saberes e experiências, em contexto que se diz da escola, ser local privilegiado de desenvolvimento de complexas e dinâmicas relações sociais, espaço salutar para o desenvolvimento de ações de enfrentamento das desigualdades e das (in) diferenças que dizem respeito à violência, ao proselitismo, e a discriminação quanto à orientação sexual da população LGBT.

Palavras-chave: diversidade sexual; formação continuada; gênero; homofobia

Abstract: This paper aims to understand the factors that constitute obstacles to the proposal of a curriculum and a teaching-learning process, and thus give an approach to introduce gender issues and sexual diversity in school life. The methodology chosen was the qualitative research. As a result, through debates on the theme, it was possible to create new paradigms and different categories of analysis. Besides, for the first time in the history of the teaching institution object of the analysis, it was possible to accomplish a continuous learning for teachers guided on the gender and sexual diversity. At the end of the activities it was clear that teachers, contrary to what was supposed, were predisposed to study the subject. The main obstacle observed was the lack of training, and that the other ones were derived from this. The overcoming of prejudice and homophobic practices goes through the construction of permanent forums that allow teachers to share knowledge and experiences in this context. The school is a privileged place for development of complex and dynamic social relations and a healthy space also for development of actions to face social inequality and (in) differences that are related to violence, proselytism and discrimination on the sexual orientation of the LGBT population.

Keywords: continuous learning; gender; homophobia; sexual diversity

INTRODUÇÃO

Esta proposta de trabalho surgiu da necessidade de problematizar a prática docente dos profissionais da educação de uma Instituição Escolar pública vinculada à SEED/PR. Quais fatores estariam implicados, levariam ou conduziriam aos docentes desta a resistirem à uma prática educativa que contemplasse uma educação para a diversidade sexual em conjuntura a qual segundo Louro, “os discursos sobre a sexualidade continuam se modificando e se multiplicando” (LOURO, 2013).

Integrante da turma PDE – Programa e Desenvolvimento Educacional (2014-2015) vinculado à SEED/PR e a UFPR. Estava a implementar o projeto de pesquisa intitulado: “História sem Homofobia: desconstruindo práticas no cotidiano escolar”, que embora tivesse como público alvo estudantes do ensino médio, tive a satisfação de contar com a presença e participação de alguns docentes deste estabelecimento de ensino ou de simultaneamente, compartilhar com outros, cada etapa da implementação. Tais ações e produções realizadas, repercutiram de forma positiva dentro da instituição, o que por sua vez, levou a Direção e Equipe Pedagógica a me proporem desenvolver o projeto em uma nova versão adaptada para os docentes, como proposta de formação continuada.

A proposta apresentada chegou em momento oportuno pois, cursando naquela ocasião, uma especialização em Gênero e Diversidade na escola, ação esta, resultado de parceria entre a UFPR/ Litoral e governo federal, esta impusera, como exigência para a obtenção de grau de especialista, a produção e realização de projeto que tivesse como linha de pesquisa Gênero e Diversidade e ainda como finalização desta, a produção de um Artigo.

Iniciei os trabalhos, aplicando pesquisa com o objetivo de conhecer o perfil, motivações e conhecimentos prévios dos participantes acerca dos conceitos e das questões de gênero, da diversidade sexual e da homofobia. Perguntei se era praxis em suas rotinas de sala de aula trabalharem a temática em referência, quais os desafios enfrentados e possibilidades encontrados.

O resultado foi que, através de suas falas pude a princípio perceber: resistência ao tema por parte de alguns. Quanto aos demais, acolhimento razoável, atitudes de preconceito, práticas permeadas por valores moralizantes e religiosos (cristãos principalmente) em uma organização escolar proclamada laica.

Das narrativas construídas por eles que buscavam justificar as práticas acima, destaco algumas, dentre elas: a falta de qualificação decorrente destes conteúdos não terem sido trabalhados em sua formação inicial e muito pouca formação continuada (principal argumento utilizado); a sensação de medo, insegurança, incômodo, constrangimento, desconforto. Sentimentos estes, os quais, para lhe darmos se requer sabedoria.

Houve quem afirmasse que estas questões faziam parte da intimidade de cada um não devendo ser tratada na escola pois seria competência da família. Segundo Louro, esta seria a lógica liberal acerca da sexualidade pois,

De acordo com a concepção liberal de que a sexualidade é uma questão absolutamente privada, alguns se permitem aceitar outras identidades ou práticas sexuais desde que permaneçam no segredo e sejam vividas apenas na intimidade” (LOURO, 2013).

Dos que estão ao término da carreira profissional, alguém afirmou que o fato não lhe diz mais respeito pois já está se aposentando, daí não terem interesse em aprofundar este assunto deixando-o para os mais novos.

Como de práxis, não faltou o argumento da falta de material didático disponível e ausência de formação continuada para os professores/as, etc.

Falas do tipo, os gays são exagerados, extravagantes em seus comportamentos e gostam muito de aparecer ou chamar atenção, também marcaram o relatório de pesquisa.

Através desses mesmos relatos também foi possível perceber a presença de práticas homofóbica velada ou mesmo visível, decorrentes do preconceito, machismo e das heteronormatizações que por sua vez norteiam e permeiam suas ações; além da identificação de práticas higienistas presentes em ações dentre as quais, uma delas exemplifico aqui.

Quando da semana de integração comunidade escola, fora anunciado que faria parte da programação cultural, uma “palestra” sobre “sexualidade” e que esta seria dada por funcionários/as do posto de saúde. Ao observar os encaminhamentos, percebi que a proposta se enquadrava ainda nos moldes das antigas políticas de higienização, prevenção das doenças sexualmente transmissíveis (DST) e distribuição de preservativos. Perguntei se teríamos alguma outra ação ou atividade que propusesse nova abordagem da sexualidade como algo para além da realização da lascívia, ou seja, a sexualidade abordada como desejo, prazer, estética da vida, ou ainda, temas como o de gênero, da diversidade sexual e da descriminalização do aborto, assuntos estes tão em voga ou evidência. A resposta foi negativa e o que restou foi o silêncio.

Ao discutirmos a Proposta Pedagógica Curricular e Plano de trabalho docente em formação continuada, questioneei acerca do porque os conteúdos de gênero e da diversidade não estarem contemplados nesses como conteúdo em todas as disciplinas escolares, pois o que verifiquei foi apenas a citação da Lei que obriga a inclusão da temática, mas, que em nenhum momento ou outra instância aparece quais conteúdos seriam contemplados e quais metodologias seriam utilizadas. O contra-argumento foi o de que não houve tempo suficiente para debate, preparação da proposta e que em uma outra instância esta será reformulada e nesta nova redação, tais conteúdos seriam acrescidos. Até lá, os professores/as, a qualquer momento poderão incluí-los em suas práticas, durante o ano letivo.

A partir destas vivências, pude observar o quanto essas temáticas ainda não ocupam papéis preponderantes em nossas ações e legislações, o que por sua vez confirma a tese de Andrade (2010), que em nossas escolas, por mais que estejamos imbuídos do discurso politicamente correto, a homofobia docente torna-se implícita e perdura de maneira grave em nossas mentalidades guiando condutas pedagógicas acríticas.

Frente às questões apresentadas e aos desafios das novas demandas sociais propus a seguinte questão para reflexão: Quais ações de enfrentamentos poderíamos implementar para suprir esta lacuna de formação acerca das temáticas de gênero e diversidade?

Para responder às questões levantadas, subsidiar os debates e para que buscássemos soluções que apontem para a superação desta realidade e construção de um novo cenário educacional, optei por oficinas de formação continuada, nas quais pudéssemos problematizar as práticas pedagógicas de ensino-aprendizagem destes profissionais através do diálogo com teóricos como: Foucault, Louro, Andrade, Gunther, Sobral E Sousa e outros conforme indicados em referencial teórico.

OBJETIVO GERAL

Problematizar a prática pedagógica dos docentes, a partir do estudo e da reflexão crítica, acerca das questões de gênero da diversidade sexual e da homofobia para que de tal forma, se possa promover uma educação sob os alicerces dos direitos humanos, da inclusão, do respeito, da equidade de gênero. Paradigma este que implica a inclusão da temática na formação inicial, e continuada dos educadores/as; e ainda no currículo oficial escolar a fim de viabilizá-los de forma efetiva, no cotidiano de nossas salas de aula.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- * Fazer acontecer encontro inédito e inusitado de formação continuada com o tema: Gênero e diversidade sexual na escola.
- * Problematizar o cotidiano social e institucional escolar, as práticas pedagógicas e/ou de ensino aprendizagem através palestras e oficinas de leitura, reflexão e discussão de textos filosóficos, sociológicos e históricos que subsidiem a temática apontada.
- * Fomentar a constituição de fóruns e espaço de formação continuada permanente para docentes e discentes, através de oficinas de aprendizagens que contemplem novas temáticas e conteúdos emergentes das contradições da vida social.

METODOLOGIA

Para fins de responder e dar encaminhamentos à problemática apresentada, optei por uma pesquisa tipo qualitativa de forma a buscar, juntamente com os meus pares, uma compreensão dos fatores implicados, tais como, variáveis e/ou relações de causalidades deste tipo de comportamento nos docentes, e construir em conjunto, possibilidades de ações que nos conduzam à uma prática educativa que contemple uma educação para as diversidades.

O locus privilegiado desta proposta foi a Instituição Escolar. O período de realização aconteceu de setembro a novembro de 2015, os interlocutores foram os docentes deste estabelecimento de ensino e os instrumentos utilizados foram entrevistas com questões abertas e descrições orais.

O trabalho foi desenvolvido em três etapas: I. Entrevistas com docentes para coleta de informações e suas impressões de gênero, diversidade, homofobia, importância da escola e sua função neste contexto, dificuldades apontadas para trabalhar o tema e sugestões. II. Após levantamento destes dados e resultados promoção de encontro de formação continuada. III. Avaliação de resultados obtidos através da coleta de informações: sentimentos que foram despertados e/ou vivenciados, impressões acerca do trabalho realizado, considerações e novos conhecimentos adquiridos, por fim propostas para ações concretas de intervenção.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Com o objetivo de responder à questão colocada no início deste trabalho, ou seja, quais fatores estariam implicados, levariam ou conduziriam aos docentes desta escola pública a resistirem à uma prática educativa que contemplasse uma educação para a diversidade sexual na atual conjuntura? E suprir demandas e carências observadas a partir da pesquisa para levantamento de conhecimentos prévios, realizei

os seguintes procedimentos e a partir destes, apresento resultados obtidos e discussão.

A questão inicial apresentada para o entrevistando foi a de que se a escola deveria ou não trabalhar gênero e diversidade, e se o mesmo já trabalhara em sala de aula estes conteúdos, caso afirmativo, quais dificuldades encontradas, como estas foram administradas e superadas. Caso nunca tenha trabalhado a temática, quais os obstáculos encontrados. Diante dos resultados obtidos, a primeira observação foi a confirmação, em concordância com Sobral e Souza (2010), que era importante e imprescindível como enfrentamento às adversidades apontadas,

O desenvolvimento de diretrizes, orientações pedagógicas, de mecanismos e instrumentais que possam instituir uma cultura de respeito à diversidade e à pluralidade cultural, de orientação sexual, de alteridade, de gênero. Paralelo a isso, torna-se também necessário o fomento para a disseminação dos estudos e pesquisas na escola tratando dos temas supracitados". (SOBRAL e SOUZA, 2010).

Nesta perspectiva, propus 2 oficinas de formação continuada vejamos:

A primeira oficina intitulou-se: Por que discutir corpo, gênero, sexualidade e homofobia na escola (8 horas). Procedimentos e conteúdos trabalhados:

Apresentação da proposta. Amparo Legal. Breve histórico do Movimento feminista e movimento LGBT. A violência homofóbica na sociedade e sua problematização no cotidiano escolar. Ensaio: Brasil Sem Homofobia, Cartilhas de gênero etc. A importância da apropriação dos conceitos substantivos e da linguagem afirmativa: gênero, sexualidade, diversidade, homofobia, heteronormatividade, orientação sexual, biologizar, patologizar, criminalizar, culpabilizar, etc. A partir do filósofo Michael Foucault, analisar a Instituição escolar, função, dinâmica e inserção na sociedade da disciplina e seus dispositivos, este entendido como:

Um conjunto, decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 1979, p. 244).

Também foram trabalhados, na concepção do mesmo filósofo outros conceitos como: saber-poder, Bio-Poder, utilidade e governabilidade e sua relação com nossas práticas pedagógicas. A invenção da homossexualidade e contexto histórico. Descolonização do Currículo e novas possibilidades Currículo Queer.

A segunda oficina intitulada: Uma educação transformadora (8 horas). Procedimentos e conteúdos trabalhados:

Os textos que subsidiaram as discussões foram: Nietzsche: sua estratégia para uma educação transformadora, o qual apresenta uma concepção imanente da educação que se contrapõe à ideia metafísica de formação. A desconstrução de uma pedagogia da essência e da ideia do sujeito universal e o texto Nietzsche: viver intensamente, tornar-se o que se é.

A contestação de que o homem tem uma essência e que é preciso um percurso para levá-lo à sua plena realização. "No primeiro caso, o objetivo do processo é conduzir a um sujeito constituído, ao passo que no segundo caso o objetivo é destituir-se de toda subjetividade" (NIETZSCHE apud ROCHA, 2006, p.268).

O repensar o cotidiano, a vida e acerca do quanto devemos estar preparados para enfrentar a si mesmo em prol de uma afirmação incondicional a ela.

Para reflexão e aprofundamento, do tema, foi projetado fragmentos do filme “Orações para Bobby”. O filme retrata a vida de um garoto homossexual e o sofrimento que ele tem com o preconceito e a homofobia. O mesmo fora criado por uma mãe religiosa que segue à risca todas as palavras contidas na Bíblia. Quando revela ser gay, é submetido a terapias de cura. Embora tendo lutado para sua inserção e reconhecimento da sua condição homossexual, abatido pela dor e sofrimento comete suicídio.

A atividade teve como pano de fundo o fato de levar os professores a perceberem o quanto cada ser humano é único, singular e o quanto precisamos ser respeitados como tal. A tomada de consciência de que quando nos expomos a estruturas sociais e valores moralizantes, a tendência é de controle, castração e minimização do desejo. A normatização nos reduz e nos uniformiza, daí ser preciso buscar conhecimentos e práticas diferenciadores que envolvam a escola e promovam outros olhares e sensibilidades dispostos a uma ética e estética da diferença e a partir destas, desconstruir modelos, resistir e transgredir de forma a que não se venha a colocar em risco nossa integridade física, psíquica.

Na sequência, os docentes tiveram a oportunidade de apresentarem sentimentos ou impressões decorridas a partir da trama. Concluiu-se dos trabalhos que Nietzsche desafia a todos/as a – “tornar-se aquele que se é? ” e que a escola pode contribuir em muito neste processo através de uma educação transformadora, filosofia e pedagogia da diferença.

Outros conteúdos trabalhados nesta mesma oficina foram: a sexualidade e sua composição, afastando-se de um discurso hegemônico, heteronormativos e simétrico das sexualidades além de desconstruir narrativas de superação da dominação do masculino sobre o feminino. A sexualidade como construção histórica, social, cultural e linguística. As ideias de virilidade, de masculinidades e feminilidades sua produção e reprodução e/ou transformação, variações no tempo histórico.

Em um segundo momento, a projeção de fragmentos do Filme: “Hoje eu quero voltar sozinho”. A trama se desenvolve em contexto escolar. O aluno Leo, educado tem novos sentimentos despertados e até então desconhecidos, com a chegada de Gabriel que o faz redescobrir uma nova percepção do mundo e de sua própria sexualidade. O que se compreendeu foi o fato que embora negada ou mesmo reprimida a sexualidade LGBT está presente/ausente por toda parte na escola e que o desprezo a estas e a imposição de um currículo heteronormativo implica em homofobia institucionalizada e apartheid sexual.

Nesse contexto o problema da homossexualidade segundo Foucault não deveria ser “Quem sou eu? Qual o segredo do meu desejo? ”, mas sim: “Quais relações podem ser estabelecidas, inventadas, multiplicadas, moduladas através da homossexualidade?” (FOUCAULT, 2005).

A finalização: avaliação da oficina, levantamento de dados acerca de sua importância/relevância, conhecimentos adquiridos, expectativas atendidas, experiências e sentimentos despertados e/ou vivenciados durante as atividades do projeto

A proposta trouxe resultados significativos o que pode ser constatado a partir dos relatos a seguir:

Em uma situação anterior causara a mim indignação, o fato que, embora em uma das últimas instâncias de formação continuada para professores (Set/2015) a

SEED/PR tenha aberto um leque de possibilidades de temáticas para serem trabalhadas, tais como Gênero e Diversidade na escola, a grande maioria dos professores/as em suas unidades optaram pela mesmice, ou seja, discutir a utilização das tecnologias em sala de aula em um ambiente escolar para o qual não temos nem mesmo infraestrutura como laboratório, internet entre outros e que dê conta de se trabalhar de forma satisfatória. Sem diminuir o valor dos usos das tecnologias. Hoje, após a realização das oficinas, percebi que um número expressivo de profissionais desta escola manifestou o desejo de aprofundar os estudos e trabalhar a temática no chão de suas salas de aula.

No cotidiano escolar, tornou-se notório em alguns, a utilização de novos conceitos, os antigos passaram a serem utilizados de forma correta e contextualizada, e o esforço na utilização das linguagens afirmativas.

Na primeira entrevista ou coleta de dados, havia identificado entre professores/as, preconceitos e conceitos equivocados ou rasos, como por exemplo o de gênero, sexualidade, homofobia e outros. Utilização de linguagens não afirmativas/positivas passando a constituir-se por sua vez prática não intencionalizada ou velada de homofobia. Neste segundo momento é possível perceber maior sensibilidade, atitude de reflexão e a busca por uma melhor forma de tratar e conceituar a realidade. Como por exemplo o da ampliação do conceito de sexualidade, esta, passando a ser percebida não um ato puramente sexual/genital, mas, como

Elaborações culturais sobre os prazeres e os intercâmbios sociais e corporais que compreendem desde o erotismo, o desejo e o afeto até noções relativas à saúde, à reprodução, ao uso de tecnologias e ao exercício do poder na sociedade” (CEPESC, 2009).

A necessidade de se problematizar gênero, e diversidade sexual na escola decorre de iniciativa de promoção de direitos humanos, de respeito à diversidade, da presença desta população LGBT nos espaços escolares com suas sexualidades que escapam aos discursos da normalidade e da moralidade e uma vez que estes/as têm tornando-se vítimas de violência física e simbólica, de práticas preconceituosas e discriminatórias, homofóbicas veladas ou explícitas na sociedade como um todo.

Por que LGBT? A importância de se dar visibilidade a estes/as hoje decorre de um processo de reafirmação de direitos humanos, de legitimação de suas identidades e da consolidação de uma sociedade multicultural e plural em um contexto escolar que na contramão e em sintonia com outros dispositivos, enfatizam segundo Louro (2013) a universalização e a naturalização do heterossexual como superior e norma, aqueles que ficam fora dela, desviantes:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência. [...] desta forma, a mulher é representada como o segundo sexo e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2013).

Além do estigma do homossexual como alguém que desrespeita as normas sociais e divinas.

Estes argumentos, posso considerá-los como superados no decorrer das oficinas e não mais aparecem nos resultados de pesquisa acerca dos conhecimentos posteriores. O que se pretende é que desta forma possibilitemos a estes LGBT, uma trajetória educacional, que vá da inclusão, à permanência e conclusão dos estudos.

Quanto aos resultados obtidos percebi: Maior segurança na fala dos professores, mais motivados a tratarem do assunto, menos preconceituosos, mudança de comportamento e de valores expressados em suas novas falas além de olhar mais crítico, e respeitoso. Estes são apenas os primeiros passos.

Em síntese, e de forma abreviada, ainda apresento outras falas que apareceram ou ganharam visibilidade após a implementação das oficinas de formação continuada e que julgo relevantes, como: “É importante formarmos grupos de estudos de Filosofia para fundamentarmos melhor nossa PPP, PPC”; “Fazia tempo que na escola não aprendíamos tanto”; “O encontro foi motivador”; “Precisamos valorizar mais os profissionais da casa”; “Tema tão pouco discutido, fora de nossas pautas e no entanto, de tanta importância”; “É importante discutir a realidade concreta de nossos alunos”; “Precisamos dar continuidade a este trabalho, com maior disponibilidade de tempo e mais oficinas de trabalho”; “Declaro ser atea e não acreditar nestas coisas de religião, e o quanto é importante esta compreensão do Estado e educação laica, eu precisava dizer isto”; “Passe para mim o referencial teórico de tua pesquisa; “Indique sugestões de filmes, posso trabalhar desta forma com meus alunos”; “Já assisti a um dos filmes indicados, senti-me motivada a aprofundar ainda mais o assunto”; “Professor estava trancado no laboratório de informática na hora atividade a assistir na íntegra o Filme Orações para Bobby”; “Pela primeira vez nesta escola, depois de tantos anos, ousamos discutir gênero e sexualidade”; “Reconheci práticas homofóbicas e preconceituosas em minhas ações pedagógicas”; “Agora sim sou a favor da inclusão dos conteúdos de gênero e da diversidade na escola e na inclusão destes no currículo escolar e até me sinto mais segura para trabalha-lo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio que através destas oficinas de problematização, estudos e debates, e sob o viés filosófico e de teóricos de gênero e diversidade, contribui de alguma forma para: promover formação continuada e para superação de práticas homofóbicas esta, segundo Louro, “Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse contagiosa” (LOURO, 2013). Superação de práticas preconceituosas instigando a todos e todas à uma reflexão. Quebrar o silêncio e incentivar a construção de um diálogo permanente que nos possibilitasse compartilhar saberes e experiências, em um contexto que se diz da escola, ser local privilegiado de desenvolvimento de complexas e dinâmicas relações sociais, espaço salutar para o desenvolvimento de ações de enfrentamento das desigualdades e das (in) diferenças que dizem respeito à violência, ao proselitismo, e a discriminação quanto à orientação sexual da população LGBT, pois segundo Louro, o que se tem percebido é que:

A escola nega e ignora a homossexualidade e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 1999).

À aqueles que desejam em suas práticas fazerem a diferença, resta a transgressão da norma e a subversão da ordem estabelecida, como forma de luta e de resistência.

Que tenhamos como pautas e metas a de ultrapassar ao ideal dos direitos humanos como saúde, educação, habitação, trabalho e acessibilidade às tecnologias, que a estes se incluam o respeito à criatividade e às diversidades, às minorias e ao outro. Por uma nova estética e concepção da sexualidade humana.

AGRADECIMENTOS

Douglas Gomes Daronco e Karla Ingrid Pinto Cuellar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, F.C.B. de. “**Se a escola não desse uma ajuda...**”: Homo/Transfobia na Escola Pública. In: Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Campina Grande: Eduepb, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.º 9.395/96. Brasília: 1996

CEPESC. **Gênero e Diversidade na escola**: formação de professoras/es em gênero, orientação sexual e relações étnico-raciais. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: SPM, 2009.

FEITOSA, C.; BARRENECHEA, M. A.; PINHEIRO, P. (Organizadores). **Nietzsche e os gregos**: arte, memória e educação – Assim falou Nietzsche V. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj; Unirio; Brasília, DF: Capes, 2006

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1. A vontade de saber**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. **Microfísica do Poder**. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

_____. **Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa**: esta é a questão? Psicologia: Teoria e pesquisa. Volume 22, n.2. 2006.

LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Organizadoras). **Corpo, Gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

LOURO, G. L. (org.). **O corpo educado**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Autêntica: Belo Horizonte, 2004.

MONDAINI, Marco. **Direitos Humanos**. In: PINSKY, Carla (org.). Novos temas nas aulas de história. São Paulo: Contexto, 2010.

SOBRAL, M. P. de O.; SOUZA, L. S. de. **Política nacional de formação de professores**: e agora professora (or) vamos falar sobre gênero e diversidade na escola? In Fazendo Gênero 9. Diáspora, Diversidades, Deslocamentos. 2010. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278284956_ARQUIVO_POLITICANACIONALDEFORMACAODEPROFESSORES-Copia.pdf

SOUSA, M. A. de, **Nietzsche: Viver intensamente**, tornar-se o que se é. São Paulo: Paulus, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Equidade, igualdade e diferença**: Implicações para o currículo. In: LEITE, Carlinhos. PACHECO; José Augusto. MOREIRA; Antônio F. Barbosa; MOURAZ, Ana. (Orgs). Políticas, Fundamentos e Fundamentos do Currículo. Porto/ Portugal: Porto Editora, 2011.